

Conspiração quadrinhográfica contos de inspiração neoísta

Mauricio Duarte

Copyright 2010. Todos os direitos reservados. Você não pode copiar, exibir, distribuir, executar, criar obras derivadas nem fazer uso comercial desta obra sem a devida permissão do autor.

Índice

conto 1: Drogas, drogas e... drogas	3
conto 2: apêndice.....	20
conto 3: Brisyngsn, o cetro primordial	21
conto 4: A modorra corriqueira de todo dia ..	25
conto 5: Mr. Zero	27
conto6: Conto visual	28
Biografia do autor	38
Contato com o autor	39
Composição do livro	40

Drogas, drogas e... drogas

Capítulo I Meus quadrinhos

- Lerei em voz alta. - disse o editor.
- Tudo bem. - assenti, engolindo em seco, minha saliva.

Peripécias de um anônimo

Capítulo I

Goza, vai goza!

Muito do que eu sentia, naquele momento, foi decorrente de minhas experiências anteriores com aquela situação. Todo o trabalho perdido. Dois meses de design de página da revista, jogados no lixo como quem joga um papel amassado na lixeira.

O estúdio, até bem arrumado, com a correta disposição

dos móveis e utensílios, os livros a mão na estante, os computadores (três no total) ergonomicamente colocados sob a bancada grande de madeira branca especialmente encomendada para o trabalho de designers e toda aquela parafernália infernal dos diabos: as canetas, os lápis, as tintas, os pincéis, tudo o que um iniciante sonha saber utilizar; era a um só tempo, estúdio-escritório e sala de reuniões. O espaço, relativamente bastante para abarcar essas funções, me dava a mobilidade suficiente para ir e vir na cadeira de rodinhas, de um lado para o outro, sem ter de levantar, o que como estagiário bobalhão, eu achava o máximo (logo descobri a armadilha de estar empolgado) pois eu controlava, com uma mão nas costas, todo o estúdio,

quando meus patrões estavam fora.

Um workaholic como eu, não deixaria passar aquela chance; nada no mundo me impediria de trabalhar como um cachorro para atingir os resultados esperados por nossa clientela e embora eu soubesse em algum nível do subconsciente que não passava de uma armadilha, toda aquela empolgação me servia para esquecer de Geovana.

Apare as arestas, apare as arestas, não deixe a excelência gráfica fugir do escopo final de modo algum. Não deixe prá depois o que pode fazer já, atitude de vencedor, postura ganha-ganha.

Não deixe, não deixe.

Apesar ou mesmo, por conta daquela dedicação, consegui alcançar a meta de 100% em vários projetos e não me faltaram elogios no decorrer daquele estágio, embora eu não me deixasse levar pelo sucesso e subir a cabeça.

Mas um dia tinha de acontecer. Daquela vez não havia muito jeito, nem muito o que fazer a não ser começar tudo do zero. O arquivo, deletado por engano, tinha "ido embora" há muito tempo, na semana anterior, a bem da verdade e nem através do antigo sistema DOS seria possível recuperá-lo.

Não, não tinha jeito. Para meu desespero, estava sozinho quando me dei conta do ocorrido.

Imediatamente liguei para Ernesto.

– Tenha calma. Estou indo práí. Não comece nada.

– Certo.

Esperei como esperar fosse tudo o que eu pudesse fazer. Esperei como esperar fosse tudo o que

eu fizesse em toda a minha vida.

– Agora preste atenção. Estou lendo. –
continuou o editor como se eu estivesse
distráido.

– Claro. - disse eu.

Geovana sempre me dava boas vindas quando
eu chegava no estúdio. Naquele dia apenas sorriu.
Um sorriso meio torto, é verdade. Ou assim eu
imaginava.

Predições de previsões, previstos de preditos,
pré-alucinações.

– Tudo bem, Edvair? - perguntou-me ela,
adentrando o estúdio.

– É... Mais ou menos, Geovana.

– O que foi? Que te mordeu?

Minha cabeça girou, num átimo, com aquela
inquirição e respondi sem meias palavras.

– Cala a boca.

– Seu viado!

– Não sou viado não, sua puta!

– Então prova.

– Tira a roupa!

– O quê?!?

– Faz um strip-tease prá mim.

– Aaaaahhh!!!

– Faz.

Tudo começou assim. Geovana não se fez de
rogada, literalmente. Deu um sorrisinho malicioso e
entre risos não menos libidinosos, colocou uma música
sensual e relaxante, ao mesmo tempo. Uma daquelas
indianas de um CD que ela tinha ou que ela tinha pego
emprestado. Na verdade, um DVD com imagens
lindíssimas que ela cuidadosamente não me deixava

ver nunca, apenas naquele dia pude ver de relance algumas partes.

– Yrm!!! - ganiu ela quando a beijei pela primeira vez naquela sala. – Tem certeza de que quer fazer isso? – perguntou a mim, já sem fôlego.

– Claro.

Entramos num estado único de fusão sexual tantra quando a penetrei. Não que eu soubesse do que se tratava naquela época, tinha, apenas, lido alguns livros a respeito daquele assunto (emprestados a mim por Geovana) e possuía um conhecimento meramente intelectual que não ajudava muita coisa. Na verdade, pouco me importava a alquimia tantra; eu queria fode-la, meu corpo queria.

– Goza vai, goza! - disse ela.

– Isso é fantástico, Marcus. Mas...

– Mas?

– Não vende! Vou continuar a ler...

Quando Ernesto chegou já estávamos vestidos e bem arrumados; tratando de atividades corriqueiras, como limpeza e organização. Embora tivéssemos explicado ao pai de Geovana (sim Ernesto era pai de Geovana) a respeito do arquivo sumido de modo mais profissional possível, o baque foi inevitável. E não era prá menos, nosso maior cliente, o da revista Circulando Imaginário estava em jogo.

– Percebe que está profundo demais?

– Hein?

– Vou continuar a ler! - disse apontando o dedo na minha direção.

Depois de uns 20 minutos, chegaram Clayton e os empregados do prédio. Nosso sócio tinha arrumado

outra confusão com os funcionários da entrada. Sendo de praxe que o porteiro estivesse jogando cartas ao fundo e deixasse a portaria ao Deus dar. Ninguém reclamava, pois Roberto tinha seus motivos e todos concordavam e, embora a maioria não soubesse do que se tratava, fazia vista grossa assim mesmo. O único a levar adiante uma resistência àquela situação foi Clayton.

– Eu vou chamar a polícia, hein? – disse Clayton ao aproximar-se da porta da nossa sala e dos que o acompanhavam.

– Eh, calma!!! Não vai se transformar em purpurina, hein?

– Não. Não vai ser dessa vez.

A situação ameaçava tornar-se ainda pior, quando o elevador acendeu sua luz uma segunda vez.

– Todos vocês, saim daqui. Estamos numa emergência. - dirigiu-se Ernesto ao pessoal da segurança que tinha acabado de chegar.

– Que emergência? O que ocorreu aqui? - perguntou esbaforido o chefe da segurança.

– ... hein?!?... – perguntou Ernesto.

– Acabamos de perder um arquivo importante na nossa rede de computação. - adianteime a responder do modo mais calmo que pude.

– Que que eu tenho com isso, meu senhor? Porque nos chamou?

– Quem chamou vocês? Eu sei lá! Tenho que trabalhar. Com licença.

Por ora, a discussão tinha encerrado naqueles termos. Ambas as partes estavam insatisfeitas e satisfeitas ao mesmo tempo. As muralhas entre as

classes tinham sido derrubadas e erguidas novamente. Quando finalmente Ernesto conseguiu fechar a porta da sala, eu e Geovana nos entreolhamos contundentemente. Sabíamos que tão cedo não saíramos

dali. O trabalho, ou melhor, a reunião começara.

– Se fosse um livro... eu venderia prá editora Meteorito e ganharia milhões!

– Sei. Histórias-em-quadrinhos “não comportam esse tipo de abordagem.”

– Leu meus pensamentos. Entenda, você possui talento, talento até demais...

Olheio sisudo.

– Precisa viajar mais. Fantasias. Aventura com sangue, violência, algumas consequências, um toque de humor... Sabe do que estou falando.

Por um milagre dos sentimentos (de criança e de adulto) eu consigo me lembrar hoje, durante raros e fugidios momentos, das sensações que me acometiam quando, por algum motivo, eu brigava com meus pais (ainda criança). Parecia que um mundo de vastidão enorme estava sob minha cabeça e que não sairia dali enquanto eu não me desculpasse com eles. A sensação vinha nos momentos que antecediam o dormir; quando o sono vinha, finalmente, eu esquecia e só ia me lembrar de manhã, ao acordar.

A sensação, embora diversa dessa que eu descrevi, era semelhante em um aspecto. Estava lá, diante de mim, de novo, a figura de meu pai, dessa vez no olhar do editor de histórias-em-quadrinhos. E eu notei que poderia – e que teria forças para tanto – me contrapor a seu pensamento, no entanto, resolvi

calar-me e guardar energias para confabular com Shaolin, o nosso desenhista.

– Você conseguiria, meu caro amigo Shaolin, desenhar uma HQ dessas? - adiantou-se o editor.

– Bom, seria preciso fazer uma... pesquisa de estilos primeiro... – vomitou Shaolin se esforçando por responder.

– Pois bem. Esse tempo de pesquisa nós não temos, Marcus. Compreende? - disse gesticulando muito, o editor.

– OK. Já... desisti da idéia. – falei imitando Lisandra minha namorada, designer gráfica.

– Tenho um outro projeto em mente, uma sci-fi, uma space-opera.

– Bom! Conversem e toquem o barco. Agora tenho que atender o telefone, com licença! - encerrou o assunto, o editor, vociferando a última frase; enquanto segurava o gancho do telefone com uma das mãos e o mouse do computador com a outra.

Sáímos, eu e Shaolin do escritório do editor, ambos decididos a continuar com o projeto da HQ profunda como chamou o nosso empregador, em paralelo. Olhei para os olhos dele e ele retribui o olhar, sorrimos. Sabíamos que iria nos custar um monte de aborrecimentos e talvez, no final, prejuízo, no entanto, não desistiríamos tão fácil daquela empreitada, disso não havia dúvida. Havia tornado-se um ponto de honra para nós dois.

Dirigi-me ao estacionamento do prédio, peguei meu Fiat Palio 98 caindo aos pedaços e fui prá casa. Li os jornais, violência, violência, violência e mais

violência, tomei café, já eram 10:30, mas não havia tomado café; assisti TV, um programa de repórter verdade recheado de... violência. Ademais, jornalismo marrom.

Tudo aquilo me aborrecia de um modo peculiar. A insensibilidade não havia feito morada no meu coração ainda e o aborrecimento se devia – ah, as justificativas, sempre as justificativas – a uma vaga lembrança de que eu existia e não só o trabalho como professor, os bicos como roteirista de Hqs, as amizades e o namoro com Lisandra, todo o aparato sócio-psicológico do qual nos servimos para justamente... não sentir nada. Enfim, desisti de buscar o que me afligia de um modo especial naquele momento e concentrei-me em estabelecer metas com as quais pudesse lidar de modo palpável.

Primeiro, aumentar minha participação na Instituição de cultura espiritual. Desde que havia entrado, focara minha posição em tentar compreender a mim mesmo e estender, por menor que fosse o resultado, essa compreensão ao relacionamento com os outros participantes do grupo. É claro, um objetivo como esse, não poderia se dar tão calculadamente como eu o plantava na minha cabeça. Não só porque relações humanas não são dessa natureza matemática, mas também porque a relação de mim para comigo, entre eu e meu ego, também não.

Capítulo II

A Conspiração

– Isso, por exemplo, não pode ocorrer: a tecnologia da ficção científica precisa ser relativamente... - tentava assegurar-se Shaolin de que eu não escreveria nenhuma baboseira que ele teria que desenhar depois.

– Verossímil. Sei...

– E outra coisa; não faça ninguém respirar no espaço sideral porque é mutante ou coisa parecida, OK?

– Hein?!?

– Tá, tá bom.

Despedimo-nos e eu fui encontrar Lisandra.

Não obstante meu humor não estivesse muito bom, não estava naqueles dias em que “a vida não fazia sentido” e mesmo assim, a ponto de explodir em lágrimas (com certeza também estou exagerando) percebi um mendigo largado na calçada comendo restos de lixo, donde eu estava, do meu carro, parado no sinal de trânsito. O sinal durou uma eternidade para mudar.

– Oi.

– Oi.

– Tudo bem? – perguntou ela nitidamente consternada com meu estado de espírito que eu deixava transparecer no olhar, no caminhar e nos ombros.

– É. Caminhando... - disse sem encará-la muito diretamente.

– O que aconteceu?

Expliquei que estava prestes a iniciar a história em-

quadrinhos de ficção científica e deixar em stand by o projeto de HQ adulta com Shaolin. Ela sorriu e trouxe um chá de camomila prá mim.

– Escreva uma nos moldes de um RPG, aqueles joguinhos – disse-me piscando o olho.

– Como? Ah, sim... Eu considerarei...

– Uma bem louca. Com personagens estranhos, comuns, cheios de particularidades... - continuou Lisandra, tentando me fazer deixar o baixo astral.

– É. É uma idéia.

– Personagens com carisma, sem carisma, uns com tiques nervosos, outros com neuroses.

– de repente parou e olhou prá mim detidamente.

– Tem alguma coisa errada contigo. Não é só essa coisa da história... – apressou-se.

– Sinto que... não sei... - disse eu.

– Não se preocupe. Deus protege a gente.

Catei e perscrutei minha mente em busca de uma resposta para aquele "problema". Não existem problemas quando tratamos da espiritualidade. Quer dizer, Deus sabe o que faz. É um chavão; mas ocorre que eu não podia estabelecer premissas com as quais minha visão de mundo divergisse frontalmente. Além do mais, bom... não queria entrar na onda da Lisandra; essa é que é a verdade.

Casaria com ela de olhos fechados, não fosse sua TPM (Tradição de Pancadear Marido).

Dormi até às 22:00 e acordei suado com o despertador gritando no meu ouvido. Estalei dois ovos e um bocado de raspas de mortadela na frigideira e

lanchei meu pseudo-jantar em meu pseudo-americanway-of-life. Já tinha assistido duas vezes o programa de TV de anúncios para utilidades domésticas quando o telefone tocara.

-- Alôu.

-- Alôu. Quem é?

-- Não se lembra da minha voz sensual? ah ha ha ha...hum.

-- Como poderia esquecer, João? ah ah ha ha ha!

-- Diz aí, como vão as coisas, Marcus?

-- O de sempre... Sem grana, sem crédito.

-- Bom, isto não posso resolver. Vim te convidar para o show de rock dos Pixies. Estão no Brasil. -- nesse ínterim, ria-se por dentro João, deixando escapar um sorriso meia boca, o qual não passou despercebido por Marcus; ouvindo pelo telefone a voz do amigo.

-- Não sei. Converso com Lisandra e depois te falo. Valeu.

-- Valeu.

O telefonema parecia um vendaval, embora não tivesse aquela materialidade da matéria visível, abria tudo a sua volta. Eu poderia, a partir de agora, esquecer vários projetos em andamento, como por exemplo, minha viagem para Fernando de Noronha ou quem sabe, o meu cruzeiro para a Grécia e me dedicar a ciceronear João e sua trupe no show. Embora, não fossem perspectivas verdadeiras, (minhas férias nesses lugares paradisíacos) me animavam; talvez eu ficasse famoso em alguma realidade paralela. Pois, a recompensa por aturar João e sua trupe teria que vir. Afinal, o risco valeria a pena...

Depois o telefone tocou mais uma vez e era Lisandra querendo saber a respeito dos meus parentes de Jaguarassú. O telefonema de João parecia um vendaval, embora não tivesse aquela materialidade do que veio depois, o de Lisandra. Meus parentes daquele município tinham estranhas ligações políticas e a situação não era boa, no entanto, tranquilizei-a dizendo que meu "estado depressivo" nada tinha a ver com os "problemas de saúde" e de disputas eleitorais não muito ilibadas em Jaguarassú, com mortes e sequestros, inclusive. A corrupção corria solta naquele lugar mas eu não me preocupava a ponto de tornarme sorumbático por aquele motivo, disso ela podia ter certeza.

Não tive coragem nem saco de lhe dizer sobre o telefonema do João e nem do show e da possibilidade de irmos.

– Estava pensando, Shaolin. Seria interessante colocarmos uma pitada de pseudo-historicismo nessa ficção científica.

– Como assim?

– Bom, estive lendo a respeito das heresias (segundo a Igreja) durante a Idade Média.

– E daí?

– Perceba que uma space opera como a que queremos fazer em história-em-quadrinhos...

– Peraí. Eu não vou desenhar um capa-espada só porque você quer castelos e princesas.

– Não. Não é esse o caso.

– O que é?

– É uma abordagem...

– Você está vago. Não estou gostando! - disse a

- mim apontando o dedo em minha direção.
- Calma, tudo faz sentido nessa história.
 - Hein?!?
 - Anterior às grandes navegações. Europa.
 - Continue.
 - Cátaros, albigenses, o Rei. - salientei a última palavra.
 - Está melhorando. Faça!

Despedimo-nos e eu fui até em casa, no meu escritório, a fim de “dar cabo” da idéia. Apesar de meu grande entusiasmo em escrever, nada saiu como eu esperava e foram necessárias, no início, várias tentativas até alcançar um resultado razoável no texto.

Em algum lugar distante entre a Andrômena Menor e o limite da Via Láctea, uma grande população de pioneiros exploradores espaciais prepara-se para a missão de suas vidas.

Andrômeda Menor é o modo como chamavam a região do espaço sideral na Via Láctea na qual as leis da física nada mais eram do que uma cópia mal feita de outras regiões do espaço sideral (uma espécie de caminho de minhoca bifurcado e ao contrário para outras regiões do espaço sideral).

Embora eu estivesse decido a continuar a escrever até um bom número de páginas (leia-se 10 por dia), não pude conter o entusiasmo e escrevi vários contos de início dos trabalhos para pegar no tranco. Até que a estafa veio; a ponto de ter que abandonar meus escritos para voltar a corrigir as provas dos alunos. O trabalho como professor na Universidade tirava muito do meu tempo e era penoso ouvir as tiradas dos alunos nas respostas. No entanto

não havia muita escolha naquele momento. Continuar escrevendo seria comprometer todo o andamento do projeto de roteiro da história-em-quadrinho. Nada daquilo me punha em excitação artística, é bem verdade, porém a perspectiva de obter mais um trocado no fim do mês me punha e muito em estado de alerta, as contas não venciam há muito. Empréstimos, empréstimos, cartões de crédito, cartões de crédito.

Interessante que eu podia, a um só tempo pôr em risco todo o projeto (e entrar em depressão) e, de quebra, esculhambar com a história, escrevendo sem uma linha de raciocínio lógica, pois forçando a minha verve, eu faria um grupo dissidente dos pioneiros conspirar contra o imperador galático ou, algo mais óbvio ainda, fazê-los tentar colocar um dos grupos oponentes uns contra os outros; para escapar, conseguir tempo e atacar quando possível noutra momento. Pelo menos, eu acreditava nisso naquele momento.

Nesse ínterim, corriji umas vinte provas, tomei uma xícara de café reforçado e... fui dormir. Já eram 21:00 hs e a noite estava apenas começando, daqui a um pouco eu acordaria para prosseguir no trabalho. Considerava minha atividade como professor em cátedra universitária minha menina dos olhos; embora alimentasse esperanças de acabar de escrever, um dia, *Peripécias de um Anônimo* em quadrinhos mesmo e não em texto de prosa.

Capítulo III

Resoluções

Quando a reunião terminara, eu sabia que tão cedo não conseguiria um emprego em algum lugar a despeito de toda a minha competência. Ernesto havia colocado a seguinte anotação na minha carteira de trabalho: "Designer gráfico bastante eficiente e prestativo, além de brilhante, embora relapso e desatento em certos pontos. Estágio terminado em 12/05/1999."

A culpa tinha sido minha? Eu não sei. Talvez nunca o saiba. Geovana tentara me defender, de todos os modos, mas alguém tinha que sofrer, acabou sendo eu. Ernesto não tinha mais o que fazer e Clayton quase teve um piripaque (com purpurinas) quando soube que eu tinha deletado um arquivo que fora renomeado e cujo conteúdo... bom, a revista Circulando o Imaginário daquele mês estava naquele arquivo.

Liguei para João e disse-lhe poucas e boas. Não, não iria ao show do Pixies. Não, não iria acompanhá-lo em suas peripécias anônimas para tráfico de entorpecentes ilegais, "um dinheirinho a mais" no final do mês como ele mesmo chamava. Afinal, não iria coadunar indiretamente com as corrupções da minha família de Jaguarassú, nem por pensamento. Eu estava tão raivoso no telefonema que acho que João sentiu-se bem em se afastar de mim; pois eu acabaria estragando tudo com a quela raiva toda...

- Finalmente terminei o texto.
 - Que bom! Quando começo a desenhar?
 - Não sei. Depende da sua vontade, meu caro Shaolin.
 - Demorô. Manda prá mim por e-mail.
 - Só tem um “porém”.
 - O que é?
 - Dê a entender; com desenhos, se é que isso é possível, que Ernesto sabia do romance entre Edvair e Geovana. Esse detalhe faz toda a diferença no drama da história. E não esqueça de caracterizar bem o porteiro e o chefe da segurança...
 - OK. Deixa comigo. Farei Ernesto dar aquela piscadela a lá Superman para o próprio Edvair, como o homem de aço fez no Cavaleiro das Trevas para a Robin quando soube da suposta morte do Batman. Mais alguma coisa?
 - Bom!!! Relaxe e faça o melhor. Sei que consegue.
- Despedimo-nos e fui encontrar com Lisandra. Encontrei-a no computador com mais um de seus projetos gráficos.
- Oi.
 - Oi.
 - Está ocupada?
 - Não, não. Prá tu não... rrsrrsrs
 - Terminei a história e a entreguei a Shaolin. Aquela outra história.
 - Não ficou como eu queria. Na verdade, ficou horrível. O personagem principal, Edvair, aquele que trepou com a Geovana em pleno

escritório, acabou “na sarjeta”. Ficou meio, digamos, lição de moral. Sabe como é?

– Hummmm....

– Bom, pelo menos pude dizer aquilo que eu queria.

– Já é uma grande coisa!

– Eu tenho certeza disso, eu tenho certeza disso. – olhei-a de soslaio e ela sorriu.

FIM

apêndice

Marcus escreveu vários contos enquanto preparava-se para o romance *Conspiração hedionda*. O editor fez com que ele publicasse todos. Eis alguns deles:

Brisyngsn,

o cetro primordial

Os relatos que agora passo a narrar destinam-se às futuras gerações de elfos da floresta e constituem-se em um alerta dos Dryuidyies para todos os elfos cuja extinção e também de toda a existência, encontra-se ameaçada pelo ser humano e pelos autodenominados

'deuses de Asgardyie'.

Elfo Egardiel

Sccrumir, antigo palácio e agora castelo fortaleza estava prestes a degelar. A vaca Ambdala, em cujas tetas, o gigante de gelo Trymir bebeu leite, tinha fenecido; a magia transcorria um percurso tortuoso naquele instante e vários guerreiros teriam um fim no reino dos mortos, Niflhyeymn. Todos procuravam o cetro primordial, o objeto sagrado, cuja configuração de gemas traria o equilíbrio donde jamais tinha de ter saído.

Trymir, o gigante de gelo não existia mais; apenas sua carcaça jazia onde outrora vislumbrariam, os habitantes, toda sua majestosa força. Quando Odiniey e outros dois deuses o sepultaram, definitiva e irrestritamente dentro da grande caverna gelada; ninguém poderia crer nesse fim destinado ao gigante de gelo.

O cetro primordial, veio bem depois, realocado de outra região numa magia altamente elevada, trazido por Odiniey no centro do castelo, onde permaneceu até ser surrupiado por ladrões quando da grande revolta dos habitantes de fora da fortaleza.

Desde aquele dia, o degelo deteriorava e derretia cada canto e fresta do castelo.

Segundo a lenda dos elfos anciões, o Antimonotor, embora seja uma entidade irreal no plano de existência conhecido, suga energias e as transforma no próprio mana para os reservatórios de mana que lhe servem, os acólitos. Anterior ao universo conhecido, essa entidade é um parasita e seus planos são a destruição total e irrestrita da árvore Yggcrasyl, a árvore que a tudo sustenta e o estabelecimento do pandemonion.

Segundo relatos recentes, o Antimonotor, uma entidade místico-mágica-pseudoreligiosa formada por elfos negros, anões derrotados e por grande número de criadores dos alto-evolucionários que tencionam destruir esses mesmos alto-evolucionários, o restante do reino de Asgardyie e criar o reino absoluto de Midgardyie, consiste numa organização.

Todo acólito recebe um anel com o símbolo do Antimonotor e a promessa do poder supremo. O acólito preferido do Antimonotor chama-se Alberichiey. Anão guerreiro frustrado, Albrerichiey é um *berserker* total numa luta corpo a corpo; impossível vencê-lo sem utilizar os teares das Nornesiys; as deusas do destino que possuem tais teares com fins de defesa: Urdy, Verdandiy e Skuldy.

Albrerichiey é um traidor do rei dos anões e, segundo a lenda, a presença desse guerreiro em Niflhyeiymn significa um dos primeiros eventos que culminará o Ragnarockiey para Yggcrasil, a árvore que a tudo sustenta. Até mesmo Helly teme, em certa medida, encontrar esse acólito numa batalha.

Passo agora a narrar histórias referentes aos 'deuses asgardianos' e as falhas que cometeram,

criando determinadas aberturas para Helly , o Antimonotor e os acólitos deste último. Estejamos em sintonia com a grande árvore e possamos destruir, algum dia, os odiosos ' deuses asgardianos' ou demove-los de seus intentos errôneos; bem como deter a ameaça maior: o Antimonotor.
Elfo Egardiel

Segundo a lenda dos antigos elfos anciões, um colar maravilhoso de nome Brisyngsn, fora forjado pelos quatro anões com os quais a deusa Freyjany dormiu para conseguí-lo. Após a morte de Trymir, o gigante de gelo; o colar foi derretido e transformado em cinco gemas fabulosas que adornariam um cetro destinado por Odiniey a sustentar magicamente o castelo fortaleza Sccrumir.

O cetro, em si, possui 20 toneladas, 1m de diâmetro e 50 m de altura. Em sua ponta, brilham intensamente as cinco gemas de alta magia; incrustadas em uma esfera de aço maciço, bem como todo o cetro que é banhado a ouro. Trabalho fantástico dos anões forjadores e joalheiros. Após ser roubado por Fatfnir, o dragão, foi recuperado por Borvyerki e transformado em vários pedaços de pedras preciosas; dadas de presente a cada habitante de Sccrumir, sem que soubessem do que se tratava.

Por sua vez, o gigante Boryverki buscara por toda parte o hidromel da poesia e, o insucesso fora sua única paga. Após longas batalhas com Lokyie, a deusa Helly e com o próprio Antimonotor; Boryverki descobre um pequeno fragmento de um anel

maravilhoso pertencente a Lokye e forjado pelo habilidoso anão Andinary.

Ocorrem relatos de que Boryverki, é, não um gigante, mas um dos alto-evolucionários que se autodenominam deuses e que, a partir desse anel, teria sido criado magicamente Brisyngsn, o cetro primordial que todos buscam arduamente.

Yggcrasil resistirá ? Essa é a pergunta que me faço a cada instante. Sccrumir é a nossa última "barricada" contra o Antimonotor e sua derrocada representaria o fim de tudo o que existe, mesmo que os revoltosos de fora do castelo fortaleza consigam soerguer nova fortificação...

Elfo Egardiel

Dryuidyie em grau 8 da Suprema Corte dos Elfos da Floresta, organização eventual criada em caráter de urgência e que se dissolverá quando e/ou desde que seus fins forem alcançados.

FIM.

A modorra corriqueira de todo dia

Em similitude ao healthy gym, `certos` estabelecimentos comerciais começaram a fechar portas em plena segunda-feira. Como resposta, quatro ou cinco segmentos da sociedade civil explodiram em polvorosa, queimando incensos da marca Agny Zin.

Apesar daquele prenúncio de genocídio, em rebuliço, lernantos kay lernantinos corriam nas calçadas à procura de mais uma travessura.

Míriam Vasconcelos apreciava a companhia de crianças, mas nunca tinha tido filhos. Digitara, isso sim, trocentos ítems para sua cafeteria, pedidos feitos em quatorze fornecedores diferentes a fim de... continuar em ordem. No entanto às 2:20 p.m., trincas forma jogadas, apostas foram perdidas.

Machado Leão engomava vários lenços porque estava gripado e o nariz parecia-lhe uma pimenta no espelho. Chamou a esposa.

--- Míriam, onde está minha pasta dental?

--- Tem que comprar outra. --- disse a empreendedora, esforçando-se por gritar de onde estava.

--- Que droga!!! – disse Machado.

---Muito produtivas essas carregações. --
Vasconcelos.

“Tudo ao mesmo tempo agora”. Este fora o lema que os lançou naquela empreitada comercial ao lado do lar.

Auspiciosamente, Machado tinha baseado seus gastos dentro duma receita diária, a partir de reproduções digitais das pinturas do famosíssimo artista plástico Glauco Rodrigues.

Dirigido por Míriam, os negócios iam de vento

em popa, e, melhor dizendo, conexões realizavam-se até através de palm tops, desde 1994, três anos antes.

Nada importava mais. Um motociclista esparramou-se num cálice de xérez antes de pegar a estrada. Quase nunca, o morro tinha sido tão inocente quanto naquele momento. Uma bala perdida, perdeu-se na perna de uma moça, quando de repente transeuntes espiaram pelas grades da praça próxima. Meio minuto antes, pombos de mau agouro partiram em revoada, distorcendo o que seria um sim à esperança dum dia ensolarado. A praga dos ônibus incendiados e dos ânimos céticos espalhou-se. Por um pouquinho mais, Míriam desmancharia-se em lágrimas, por um antigo namorado. A chuva de verão poupo-lhe este infortúnio. Machado garantira a energia elétrica, vendendo quadros de sua autoria, prática que abandonara há muito, para se dedicar ao negócio e empregar num gerador próprio. M & M café e bar foi o único estabelecimento comercial aberto até às 21:00 hs daquela quinta-feira, mas Míriam desistiu de encomendar uma pizza.

FIM.

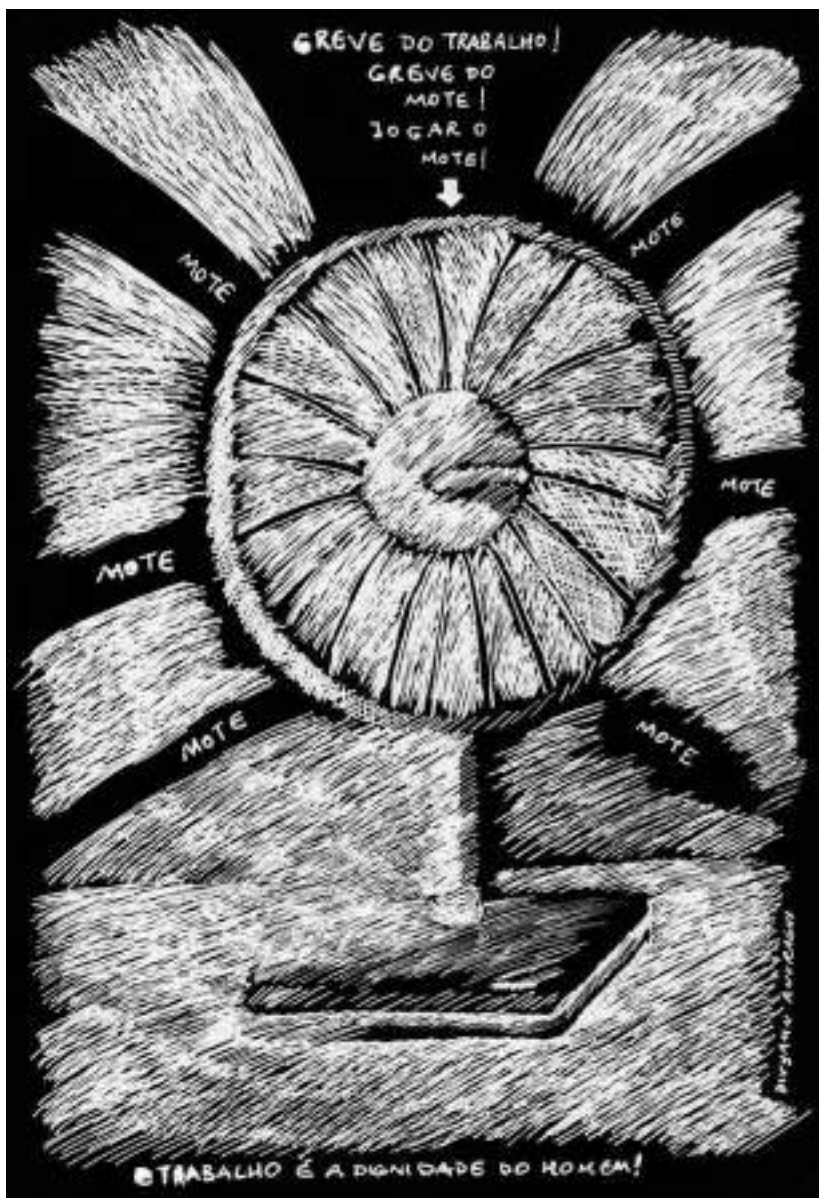
Mr. Zero

O conflito sino-brasileiro praticamente teve zero vencedores. Poderia esperar-se alguma coisa de uma destruição como aquela? Há bastante tempo as duas nações estavam num tipo de beligerância meio viva, meio morta, uma com a outra, no entanto ninguém imaginaria a reação belicosa chinesa daquela maneira. A transmissão via satélite de dados é comunicada? Érico não tinha certeza... tudo que ele sabia era que aquela web-station poderia fazer com que fossem localizados e... salvos. Sistemas conectados à satélites de comunicação não eram bem o seu forte, embora soubesse que tais artefatos bélicos em 2049 fossem algo como que matéria prima para museu. O museu, literalmente falando, era uma réplica brasileira do famoso Museu do Prado da Espanha. O estado do lugar era, por assim dizer, o pior dos mundos. Os batalhões de infantaria da China não tinham deixado pedra sobre pedra na instalação; a qual sobrevivia aos escombros. Érico tentava, em vão, estabelecer comunicações. Saldo vencido, o homem não tinha lá mesmo muita gana para aquelas tentativas naquele momento (poderia arrumar outras maneiras de sobreviver). Mesmo assim, como a sorte o sorrisse, um sinal veio. As notícias não eram nada boas:

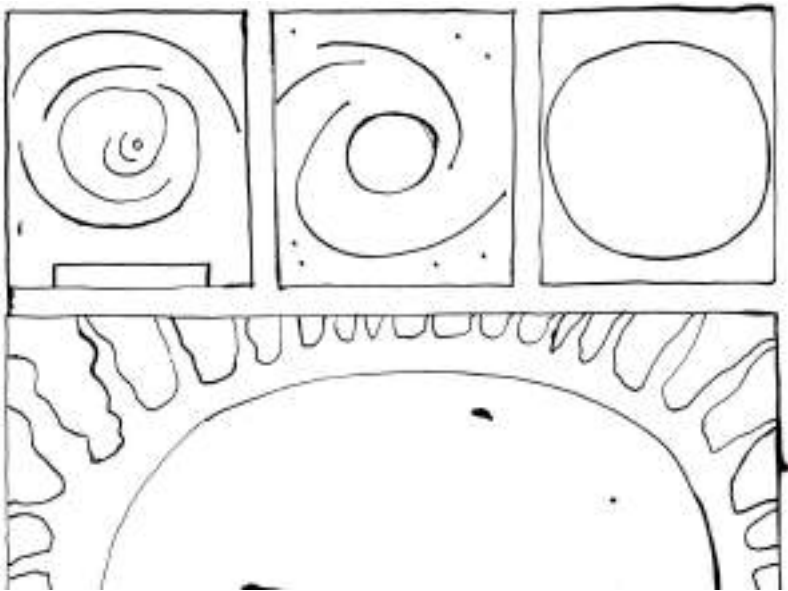
- A guerra teve zero vencedores. Câmbio.
- Como assim? Câmbio.
- Nós e os chineses fomos invadidos. Câmbio.
- Quem? Câmbio.
- Quem? Você sabe. Mr. Zero e todos os outros.

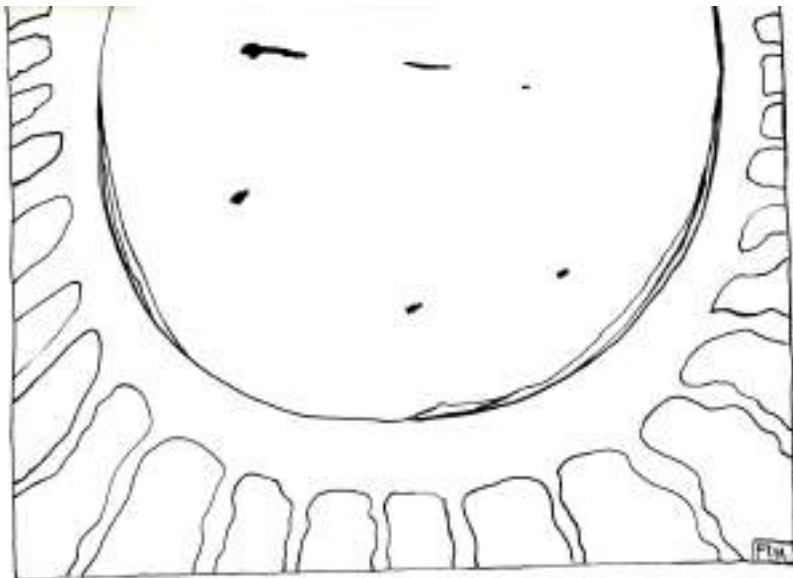
Câmbio, desligo.

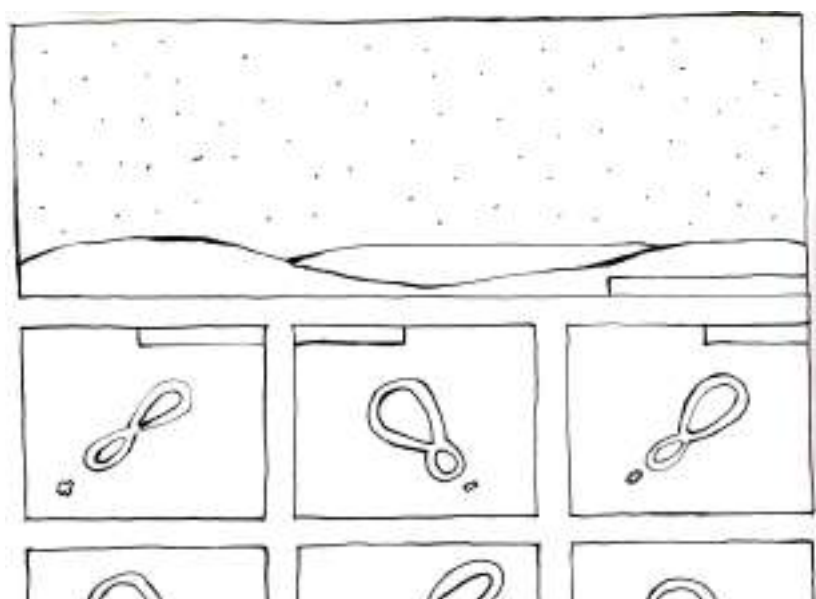
FIM

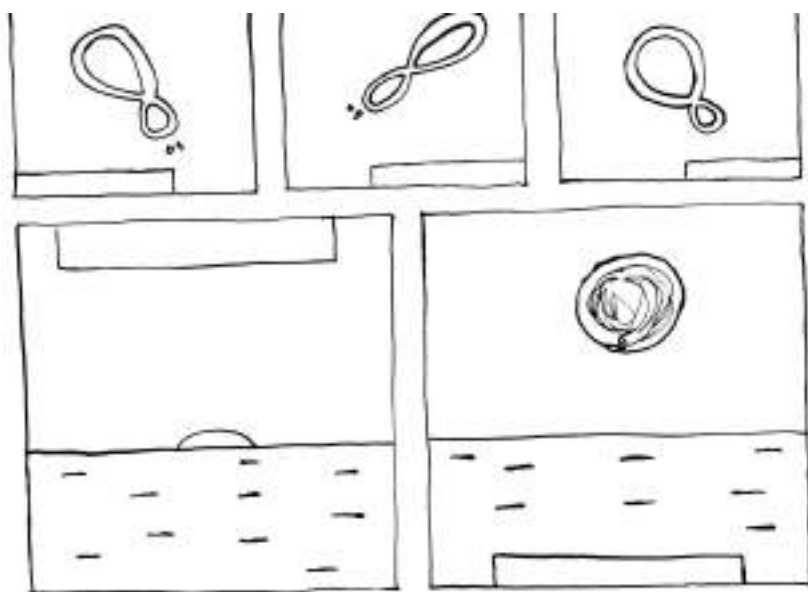


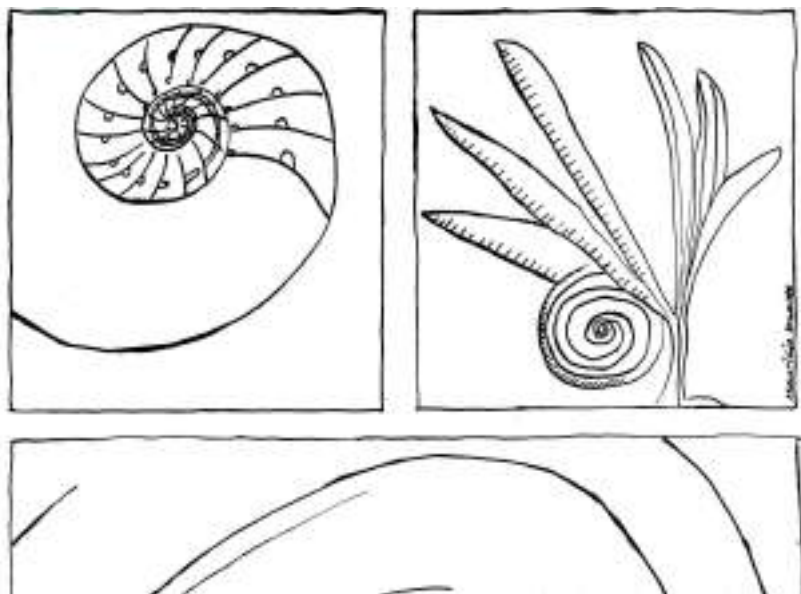


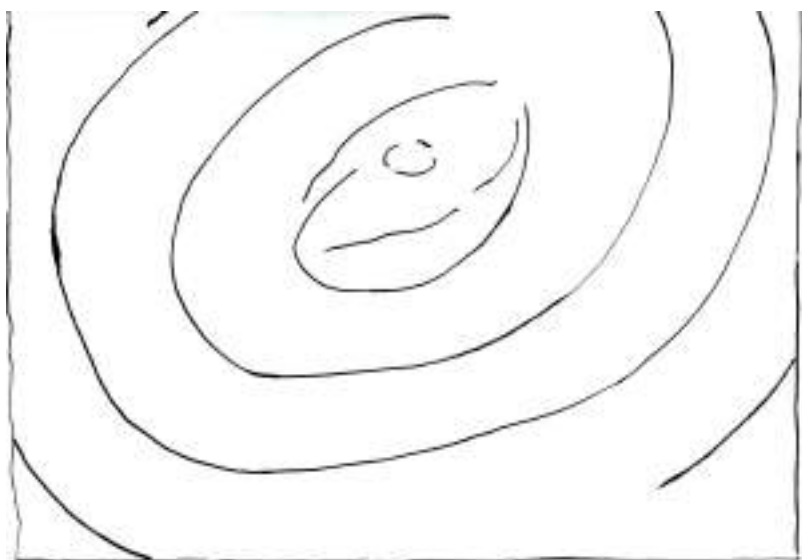




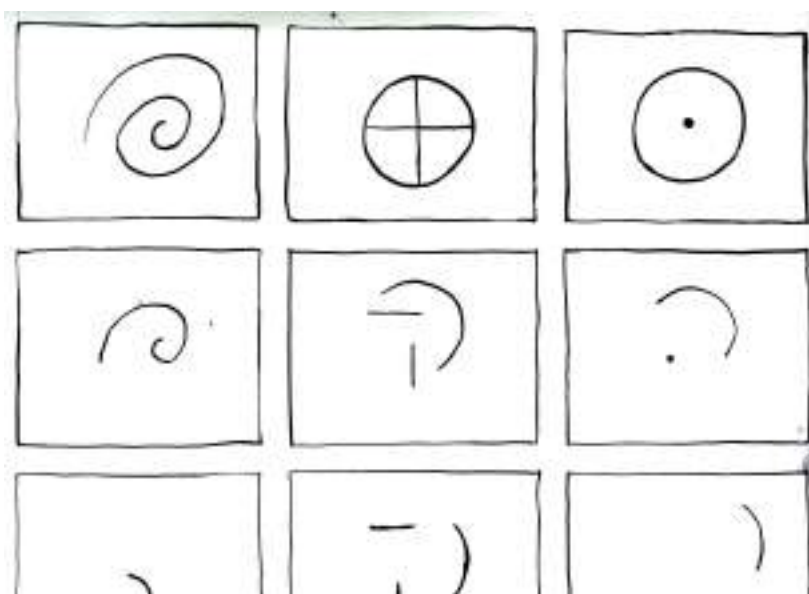


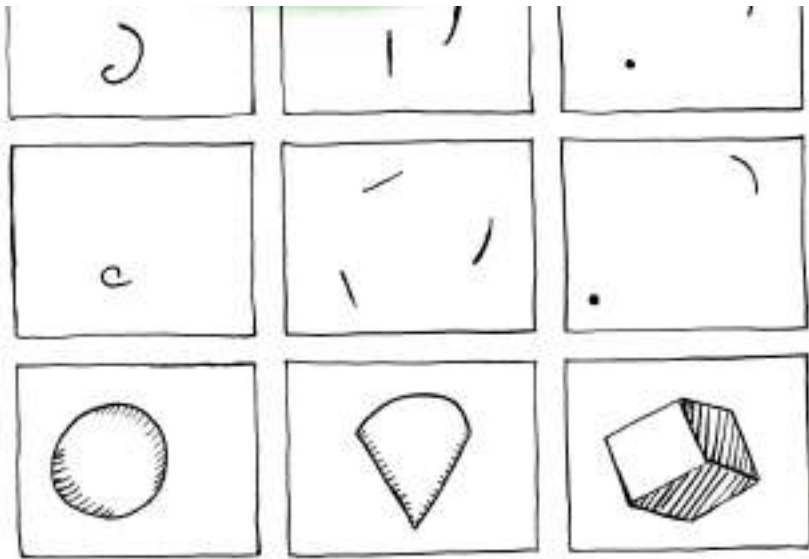






①





Biografia do autor

Nascido em Niterói, Fonseca, território Tamoio em 1975, Mauricio Duarte mora em São Gonçalo desde 1979 e tornou-se designer gráfico a partir da Escola de Belas artes da UFRJ em 1999. Trabalhando com design promocional, design editorial e identidade visual, Mauricio tomou parte em vários projetos de ilustração também. Estudou como aluno ouvinte no Programa de Pós-Graduação em Mestrado da Ciência da arte da Universidade Federal Fluminense em 2002 e também foi estudando do Curso de Artes visuais (Desenho de Ilustração) da Universidade Pestalozzi em Pendotiba, Niterói.

Completo curso de Produção Textual com a poeta Maria Regina Moura na Editora Canteiros em Maricá.

Mauricio Duarte é conhecido também como Anuraghi ou Anuragi.

Meus e-mails:

mauricio_duarte@ig.com.br

anuragi@ibest.com.br

duartemauricio@ymail.com

Meu MSN (messenger do Windows):

mauricio_duarte@ig.com.br

Blog Konspiro de conscienco:

<http://blogs.abril.com.br/konspiro>

Este livro foi composto em tipologia Verdana em fonte corpo 11 no inverno de 2010.